

Lucinda Nogueira Persona

*O passo
do instante*

© 2019. Direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora.

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Arte-finalização Maike Vanni
Imagem da capa e detalhes no interior Obra *Pepalantus* (2014), de Regina Pena
(desenho digital no app SketchBook Pro para iPad)
Produção gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Persona, Lucinda Nogueira
O passo do instante / Lucinda Nogueira Persona.
-- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2019.

ISBN 978-85-7992-122-3

1. Poesia brasileira I. Título

19-23984

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

Impresso no Brasil

1ª edição em abril de 2019 • 1.000 exemplares

Reprodução proibida

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada – em quaisquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia ou gravação, etc., – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização.

ENTRELINHAS EDITORA

Av. Senador Metelo 3.773 • Jardim Cuiabá

CEP 78.030-005 – Cuiabá, MT, Brasil

Distribuição e Vendas: (65) 3624 5294 • e-mail: vendas@entrelinhaseditora.com.br

www.entrelinhaseditora.com.br • e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br

*À memória de meu filho,
Walter Gustavo
que em sua vida curta
foi a própria encarnação
do instante.*



Quem poderá deter
O instante que não para de morrer?

Sophia de Mello Breyner Andresen

[*Coral e outros poemas*]



O passo do instante:
a poesia outonal de Lucinda Persona

Raquel Naveira¹

A sucessão das estações marca o ritmo da vida, as etapas de um ciclo de desenvolvimento: nascimento, formação, maturidade, declínio. Nesse ciclo eterno em que se movem a natureza, os seres humanos e as civilizações, a poeta Lucinda Nogueira Persona dobrou justamente a esquina do outono nesse belo e inspirado livro de poemas *O Passo do Instante*.

Inúmeros são os poemas em que as folhas caem, “... caem – por terra / como as mulheres fazem / quando amam / caem / desfalecidas / amarelo-tostadas” da situação normal de outono. Percebe a oscilação de cada folha “afogada no ar”. Até mesmo em suas viagens pelo mundo, quando chega à cidade de Florença, “o outono

1 Escritora, professora universitária, crítica literária, mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infantojuvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente), à Academia Cristã de Letras de São Paulo e ao PEN Clube do Brasil.

foi o agente provocador”, na tarde gélida, coberta por um manto cinza-chumbo. E há vendavais, tempestades, saraivadas, torvelinhos, quintais cheios de folhas, “o sol detrás da fumaça / passando lentamente por agosto”. Em “Ruído Singular”, a poeta “caminha pelo parque / ao músico crepitar das folhas secas”. Em “Diante do Retrato”, define-se: “Sou rua que o tempo enche de folhas”. Em “Arranha-céu”, “o outono segue tenaz degolando as folhas/ e não tira os olhos do meu pescoço”. Um outono voraz, personificado, coroado pela epígrafe do livro *Folhas da Relva*, de Whalt Whitman. O melancólico outono é mais uma estação da alma do que da natureza, como diria Nietzsche. O outono, como um instantâneo luminoso, um quadro impressionista, acontece na poesia e no pensamento da madura, perfeita Lucinda.

Perfeita porque sua dicção é clara, límpida, concisa. Tem a fluência de quem domina as regras e as normas da língua portuguesa. De quem tem lastro cultural sólido, muita leitura e certo manejo da espada da palavra. De quem segue uma linha de raciocínio do princípio ao fim, sem nunca perder o cordão da meada, a tensão e o nó de cada ponto. Na tessitura de seus poemas é comovente sentir o seu amor pelo ofício da escrita. Um de seus temas preferidos é a reflexão sobre a própria poesia. Ela é uma esteta do verso, com plena consciência de seu trabalho artesanal e modelar. Em “Gênese”, questiona como nasce um poema. Surgem vários desdobramentos a partir daí: “o poema começa na escuridão, no silêncio, num descampado, nas horas difíceis das mais difíceis

causas”. A poeta vai dormir tarde, absorta em seu fazer poético à luz de estranhas lâmpadas. Escreve sem parar, letra por letra, palavras que estão em labirintos, dentro de ostras. É preciso arrancá-las à ponta de faca, esperar que as palavras “possam pender como pérolas no fio de um colar”. Como é bom passar os dedos de conta em conta: cadeia de mundos, gotas de chuva, lágrimas de rosa, luas cheias, rosário do tempo. A paixão é tão grande, que no poema “Deus sabe disso”, a poeta declara: “Nada se passa / que eu não ame em palavras / sílaba por sílaba / e depois / mergulhe no escuro / onde regurgitam poemas”. Esse mesmo poema evocando um “pântano onde regurgitam vidas”, lembrou-me a obsessão fervilhante, de larvas e girinos na lama, do poeta Manoel de Barros para quem “ninguém é pai de um poema sem morrer”. Lucinda se sente observada pela poesia, como está expresso no título do poema “Tu me observas, ó poesia”. A poesia em vigília. Vigiando sempre. Como Deus e o Diabo. E a poeta escrevendo, gestacionando, gerando poemas, a mente cheia de dúvidas: “mudando-se a posição de um grupo de palavras gera-se poesia?” Poesia é mesmo “impulso repentino de palavras que saem da escuridão para a luz”. A poeta se queixa: há infinitos poentes e o tempo é curto para existir e escrever. Treme, sobressaltada com essa revelação.

Charles Baudelaire, poeta francês, afirma que “a poesia é a infância reencontrada”. O poeta é um ser que tem voz de adulto e olhos de criança. A infância interessa à poesia e está associada à memória e à saudade. Lucinda,

no poema “Boneca de Pano”, quase um miniconto, recorda-se do Natal quando tinha sete anos (idade emblemática) e ganhou uma boneca inteiramente de pano, uma “bruxinha” com “pele de algodão cru, cabelo ralo, intestino de palha”. Um dia, jogou-a tão alto que ela ficou no telhado “a viver por conta própria”. Que imagem linda! O mistério, a sede de independência, a constatação de que nada está sob nosso controle. O Natal aparece também em “Coisas de dezembro”, numa árvore de Natal, na presença sobrenatural de um “anjo de fogo no deserto da sala”, envolto num halo flamejante “amarelo inocente”. Em “Irmandade” surgem os irmãos perambulando no quintal, ao sol, correndo, crescendo em meio “a folga e laranjas”.

A realidade que cerca o poeta é a natureza. A paisagem muitas vezes deixa de ser mero interlocutor simbólico ou simples cenário, para se tornar representação de estados interiores do poeta. Espelho onde ele se vê refletido. O olhar de Lucinda ora pousa sobre a revoada de pardais e campânulas; ora sobre uma mariposa em repouso, bruxa de antenas plumosas e sombrias agarrada a um tronco lenhoso; ora busca o firmamento onde as estrelas brilham, com suas luzes perpétuas. Em “Lavrador no campo” afirma que “Em toda pupila há uma noite armazenada”. E na noite fulgura a lua, a lua acesa, macia como carne de peito, noiva grávida e cheia de leite. E a cor onde toda natureza mergulha é o azul, “o azul que se deixa ver por inteiro”, o “límpido tom celeste”, que “tudo abrange”. Ar, céu, água. Transparência azul.

Uma poesia etérea, azul, mas voltada para as coisas simples da rotina cotidiana. É debruçada na janela, em “Moldura de ocasião”, que a poeta vê desfilar épocas, secas, chuvas. É uma janela “plena de méritos / a janela que eu tenho / aberta para fora e para dentro / não sai de onde está por nada / e sempre me espera / com o céu na cara”.

Por outro lado, o cotidiano urbano também se faz presente nas sombras, nos veículos, nos “pedestres que formigam nas ruas”; nos operários voltando para suas casas; na cidade que se recupera depois do temporal; nos espelhos d’água que espocam nas calçadas em mil cacos, “como quando se quebra um copo”. A construção de um shopping, com sua “cinzenta muralha” vedando o panorama, impacta a poeta que conclui: “não é o caso de virar a página, / nem se trata de fechar a janela / e tampouco mudar de casa”. Não há para onde mudar frente ao progresso que engole com sua boca de titã devorador, o titã Tempo: Cronos.

Discreta em sua religiosidade, há um poema que dialoga com a passagem do vale dos ossos secos, em Ezequiel 37. O profeta vê um vale cheio de ossos e, através do poder da palavra, os ossos se juntam, ganham nervos, carne, músculos, espírito, põem-se em pé formando um grande exército. Essa visão mostra que não há nenhuma situação que Deus não possa transformar. Nem mesmo a morte é mais poderosa que Deus. E Lucinda completaria nos versos finais de “Tutanos”: “E tudo volta a ficar

tranquilo / restando por si o requinte / como de uma paisagem branda morna e bíblica / de tutanos irrigando ossos.” No poema “Átomos”, Lucinda, bióloga e cientista por formação, reconhece a existência no mundo físico de átomos que perambulam no ar, suspensos, pequeníssimos, inquietos, elétricos, enquanto a alma metafísica confessa que “não é fácil ganhar o céu”.

Outro diálogo intertextual interessante é o do poema “O passo do instante” com o poema “Consoada”, de Manuel Bandeira, que diz assim: “Quando a Indesejada das gentes chegar / (Não sei se dura ou caroável). / Talvez eu tenha medo. / Talvez eu sorria, ou diga: / — Alô, iniludível! O meu dia foi bom, pode a noite descer / (A noite com os seus sortilégios) / Encontrará lavrado o campo, a casa limpa, / A mesa posta, / Com cada coisa em seu lugar”. “Consoada” significa leve refeição noturna, sem carne, que se toma em jejum. Uma sopa. Sopa citada no poema de Lucinda: a mesa posta, a sopa, “a colher perpassando o fundo de um prato”. A poeta acolhe a hóspede (será a morte? Aquela que não se ilude?) enquanto sorve a sopa e, “no brevíssimo passo do instante”, tenta retardar o avanço da morte. A morte que é natural, fato trivial, familiar. Lucinda, assim como Bandeira, é calma em sua certeza da finitude. Treme à beira do prato de sopa que a livra da fome.

Também no escrever sobre sentimento, Lucinda é comedida. Belo o poema “Duas Almas”, cena de um casal tomando chá, a goles lentos, sem tirar os olhos do

vapor adocicado, o amor e a cumplicidade pairando no ar. Em “Romance inglês”, a vida do dia a dia de um casal se repete dentro de um quarto de hotel, numa gelada noite londrina. Aliás, medita a poeta, alguém sempre deve dizer a outro que “muitos, em todo o mundo / encontram na casa / o que nem sequer é visto”. Sim, na intimidade serena da casa há hinos, cânticos, sintonia. Desfia-se o rosário do tempo em que “o dia de um / no corpo do outro / também é passageiro”.

Assim, a outonal poesia de Lucinda Nogueira Persona é calcada em temas universais da poesia: autoconhecimento, natureza, devaneio, cotidiano, infância, amor e morte. Afinal, de algum modo, “tudo está contido no maior livro”. Será a vida um livro? “O passo do instante”? O importante é que “o tempo favorável é agora”. Apenas o agora existe.



SOBREVIVÊNCIAS 25

Gênese..... 27

Novo retrato 29

Ruído singular..... 30

Campânulas..... 31

Átomos 32

Boneca de pano..... 33

Lua acesa..... 34

Folhas caem..... 35

Ao relento 37

Arranha-céu 38

Bruxa..... 39

O passo do instante..... 40

Confissões..... 41

Amor às hortaliças..... 42

Azul..... 43

Tutanos 45

Sintonia..... 46

Moldura de ocasião..... 47

A luz é..... 48

Paisagem com chuva 49

Lavrador no campo 50

Com todas as letras 51

CELEBRAÇÕES 53

Florença.	55
Romance inglês.	56
Pombos de <i>Madrid</i>	58
Rosário	59
Tempo favorável	60
Estrelas fervilham	61
O dia	62
Crustáceo.	63
Irmandade.	64
Anoitece	65
Mel	66
Pólipo	67
Outro domingo	68
Público amor.	69
Alguém sempre deve dizer a outro	70
Tempestuoso	71
Quem está vivo	72
Diante do retrato.	74
Chuviscam cinzas	75
Sono de pedra	76
Duas almas	78
Deus sabe disso	79
Não guardo a sete chaves.	80
Grandes no efeito	81
Com mistura de coisa estranha	82
Desamparos.	83
Proposições do céu	84
De grande semelhança.	85

Notícias sobre ele.	86
Tu me observas, ó poesia	87
Queixa.	88
O transitório no espelho	89
Clarice e as palavras.	90
Às vezes, vou até lá	91
No espaço urbano	92
Coisas de dezembro.	93
Dos movimentos da natureza	94
Dúvida genética.	95